

UMA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALÉM DO EMBELEZAMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE CORPO E SAÚDE

Ariana Souza Cavalheiro¹
Rodrigo Lemos Soares²

RESUMO: Na intenção de articular algumas discussões sobre a Educação Física, corpo, embelezamento e saúde, apresentamos este artigo promovendo este olhar frente aos mitos que atravessam e sustentam as práticas estabelecidas pelas atividades Físicas. Ao entendermos que as demarcações dos corpos nos ambientes escolares ainda vêm sendo tratadas sob um viés bioanatômico. Atentamos a menção, no sentido de problematizarmos os corpos que chegam ao ambiente escolar produzidos de inúmeras formas, através dos mais plurais aparatos tecnológicos. Utilizamos os referenciais dos estudos culturais sobre a perspectiva pós-estruturalista a través da metodologia de pesquisa bibliográfica. Promovendo essa discussão frente às considerações apresentadas.

Palavras-Chave: Corpo. Educação Física. Saúde.

A PHYSICAL EDUCATION BEYOND EMBELLISHMENT: SOME OBSERVATIONS ON BODY AND HEALTH

ABSTRACT: In the intention to articulate some discussions about Physical Education, body beautification and health, we present this article promoting this look against myths crossing and sustain the practice established by Physical Activity. By understanding that the boundaries of the bodies still in school environments have been treated under a bioanatômico bias. We alert the words in order to problematize the bodies arriving at the school environment produced in myriad ways, through more plural technological devices. We use the reference value of cultural studies in post-structuralist perspective through the methodology of the literature search.

Key-Words: Body. Physical Education. Health

A EDUCACIÓN FÍSICA MÁS ALLÁ ADORNO: ALGUNAS OBSERVACIONES SOBRE EL CUERPO Y LA SALUD

RESUMEN: La intención de articular algunas discusiones acerca de La Educación Física, embellecimiento Del cuerpo y salud, presentamos este artículo promover discusiones que atraviesan y sostienen La práctica establecida por La actividad física. Al entender que los límites de los cuerposaúnenlos entornos escolares han sido tratados bajo un sesgo bioanatômico. Alertamos a lãs palabras conelfin de problematizar los cuerpos que llegan al ambiente escolar producido em miles de formas, a través de los dispositivos tecnológicos. Utilizamos los estúdios cultural es em el post-estruturalista inclinación perspectiva a La metodología de la literatura.

Palabras-clave: Cuerpo. Educación Física. Salud.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/ Integrante do Grupo de Pesquisas Sexualidade e Escola – GESE. <coordenadora.arianacavalheiro@gmail.com>

² Mestrando do Programa de Pós-graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/ Integrante do Grupo de Pesquisas Sexualidade e Escola – GESE <guidodanca@hotmail.com>

ARTIGO

“o corpo como vem sendo apresentado para os/as alunos/as em sala de aula, é um corpo atemporal, ahistórico, sem rosto, pés, mãos, sexo, fragmentado em órgãos, funcionalista, deslocado do ambiente. Um corpo universal, um corpo que tem um padrão que se repete independentemente de classe, raça, etnia, credo, língua, geração”
(QUADRADO e RIBEIRO, 2005)

Iniciamos nossa escrita, utilizando como epígrafe a passagem das professoras Raquel Quadrado e Paula Ribeiro ao entendermos que as demarcações dos corpos nos ambientes escolares ainda vêm sendo tratadas sob um viés bioanatômico. Atentamos a menção, no sentido de problematizarmos os corpos que chegam ao ambiente escolar produzidos de inúmeras formas, através dos mais plurais aparatos tecnológicos. As práticas sociais de embelezamento dos corpos decorrem, a partir de incitações ao belo, buscado pelos sujeitos escolares os quais correspondem a um entendimento de verdade absoluta, ou normas hegemônicas direcionadas ao corpo, no entanto questionamos o tempo todo que verdades são estas? A quem elas respondem? Definem? Enquadram? Nas suas lógicas, ora necessárias, ora perversas.

Nesse sentido, apresentamos enquanto objetivo, traçar uma discussão acerca da Educação Física, corpo, saúde e embelezamento. Dos campos teóricos, os quais utilizamos, elencamos quatro que nortearam a escrita a seguir, são eles: Estudos Culturais³, Pós-estruturalismo⁴, História do corpo⁵, Pedagogias da Educação Física⁶. Mesmo entendendo que

³Os Estudos Culturais têm sua origem a partir da função do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, na década de 60. Este texto está fundamentado na vertente dos Estudos Culturais que contempla a perspectiva pós – estruturalista ancorada na produção de autores como Michel Foucault e Jacques Derrida. Sobre este tema ler: Silva 1995; 1999; Costa, 2000.

⁴Entre as vertentes que são abarcadas pelos Estudos Culturais foi escolhido, para essa pesquisa, o Pós-Estruturalismo, que surgiu na França em 1960 e que, segundo Silva (2009, p.118) é definido como “uma continuidade e, ao mesmo tempo, como uma transformação relativamente ao estruturalismo”. O Pós-Estruturalismo, segundo o autor, coloca ênfase na linguagem como “sistema de significação”, porém, buscando uma flexibilidade sobre a estrutura fixa traçada pelo Estruturalismo em relação a esse sistema, além disso, recusa as grandes narrativas e rejeita a ideia de uma razão universal como um fundamento para as questões humanas.

⁵Considerado como uma abordagem da historiografia contemporânea, historicizar o corpo se tornou possível a partir da corrente historiográfica denominada nova história cuja origem se dá na França no início do Séc. XX em especial através dos trabalhos de Marc Bloch e Lucien Febvre. Essa corrente possibilitou a emergência de novos temas, problemas e abordagens a pesquisa historiográfica, dentre eles as pesquisas sobre a historicidade do corpo.

estes campos são de difícil explicação e entendimento, justificamos nossa escolha por elas, por nos possibilitarem entendimentos desnaturalizados acerca do fazer pedagógico especificamente no espaço da Educação Física e dessa voltada a saúde e beleza. O intuito dessa escrita decorre de nossas práticas, enquanto profissionais da Educação básica, onde buscamos dialogar sobre a dimensão cultural do corpo frente às expectativas da escola e seu público.

Ao entendermos que a Educação Física (EF) apresenta-se como possível espaço para estas discussões, no entanto, não nos limitamos a dizer que seja o único, mas que é propício, a se pensar o corpo e os modos de operá-lo em suas multiplicidades e maleabilidade, operando como expõe Foucault (2007) “com um conjunto de autovigilância, autocontrole e autogoverno para o cuidado de si”, devido as suas propostas estarem embasadas em concepções teóricas, objetivos e fazeres corporais, articulando práticas e teorias.

Ao trazermos a discussão para o espaço da EF, operamos com os saberes apontados por Bracht (1999) ao afirmar que,

é claro, o alvo era ou é o comportamento humano, mas influenciá-lo ou conformá-lo pode ser alcançado pela ação sobre o intelecto e sobre o corpo. Também na melhor tradição ocidental, a educação “corporal” vai pautar-se pela ideia, culturalmente cristalizada, da superioridade da esfera mental ou intelectual – a razão como identificadora da dimensão essencial e definidora do ser humano. O corpo deve servir. O sujeito é sempre razão, ele (o corpo) é sempre objeto; a emancipação é identificada com a racionalidade da qual o corpo estava, por definição, excluído (BRACHT, 1999, p.70).

Nessa perspectiva é possível visualizarmos um corpo meramente construído, a partir de um padrão corporal idealizado e a ser seguido. O corpo como objeto passa a ser alvo de uma transformação, uma intenção racionalizada, a partir dos saberes e discursos médicos sobre saúde. Essa educação, de operacionalização dos modos, sem dúvida é o que nos leva a questionar, não só os processos de constituição das pedagogias da Educação Física, como também o fazer-se professor desse componente curricular, devido as formas como

⁶ Sobre as Pedagogias da Educação Física ver : BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação Física. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>>

entendemos a subjetivação no espaço da escola, através de relações de poder⁷ e existir, e das marcas de emancipação inscritas nos corpos.

Em decorrência destes entendimentos utilizamos Yara Carvalho (2004), ao argumentar que vivemos em uma época “neurotizada”, instituída por um pensamento sobre educação física associada às formas de embelezamento, saúde e estética. Portanto, quanto mais próximo o corpo estiver do binômio ideal jovem-saudável⁸, boa forma e beleza, “ênfatizando uma ideologia da vida e do estar bem que alimenta as práticas consumistas que concernem diretamente ao corpo e a uma cultura corporal” (SOARES, 2008. p. 75) mais, estará cumprindo-se a ideia de que a atividade física é promotora da saúde.

O que nos leva a refletir sobre a atividade física não como uma fiel e exclusiva promotora da saúde, mas sim uma cúmplice do cuidado consigo, cuidado esse que segundo Ortega (apud. QUADRADO, 2012) culmina em um processo denominado como “somatização das subjetividades, ou seja, um pensamento de que as subjetividades deixam de ser inscritas no interior dos corpos, para se exibirem ao nível da pele, exteriorizadas na superfície corporal” (p.12).

Na intenção de seguir e manter-se neste enquadramento juventude-saúde, na busca pela boa forma corporal e estética, os sujeitos passam a exercer práticas bioascéticas⁹ (ORTEGA, 2008). Sobre as práticas interessa-nos pensar, a partir dos trabalhos de Figueira (2007) e Quadrado (2012) no sentido, em que pensam os corpos como produções biossociais construídos nos processos de linguagem e discursos. Ao localizarmos os entendimentos sobre os corpos, segundo esses autores, percebemos “sua provisoriedade e as infinitas

⁷ Entendemos por Relações de Poder o discurso de controle sobre os corpos, o qual constrói a própria noção de corpo. O poder que transpõe e oprime o livre arbítrio dos sujeitos de forma persuasiva, está presente em todas as relações sociais, sendo sempre produtivo e em momentos transitório. Este poder não atua somente no sentido de reprimir, mas também de determinar, como afirma Foucault (2002, p.148), mas também nos níveis do desejo e do saber.

⁸ Segundo Carmem Soares (2008) a ideia de juventude não se estabelece mais como uma categoria de idade e sim como uma norma de vida (p.81).

⁹ Segundo Francisco Ortega (2008) as práticas bioascéticas são formas de ascese contemporâneas que reproduzem no foco subjetivo as regras da biossociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, as bioidentidades (p.31 e 32).

possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e ressignificá-lo” (p.126). Segundo Soares (2008):

o combate a esse modelo de “educação do corpo” e de fabricação das aparecias vai permitindo, nesse mesmo movimento, o nascimento de uma defesa de sutilezas que educam o corpo orgânico , de intervenções fundamentadas numa ciência que se dedica a esse corpo orgânico e na qual as ginásticas, assim como as cirurgias corretoras, vão triunfar. O corpo trona-se, assim, superfície de múltiplas experiências de transformação do visível (SOARES, 2008 p.77).

Nesse conjunto a Educação Física passa a sofrer influência em seus espaços de ação, sendo a ela instituídos os discursos midiáticos acerca da saúde e beleza, pois como afirma Soares (2008), “os corpos vigorosos que desfilam aos nossos olhos, nas inúmeras revistas de saúde ou peças publicitárias na TV, lisos, leves e sempre com a “cor” do verão, escapam, sem dúvida, das prescrições dadas pela velha ginastica”, desviando-se assim como afirma Vigarello (1995) “das disciplinas coletivas e de seus comandos decisivos para privilegiar as expectativas circunstanciais e frágeis de cada um” (p.70).

Nesta perspectiva temos o devido pensamento que ao desenvolvermos uma atividade física, estaremos efetivando o modo de se viver de acordo com os padrões e valores. Passamos então a adquirir uma vida a qual queremos que tenhamos, ou seja, consumimos materiais em busca de um corpo perfeito e saudável. Em suas considerações, Carvalho (2004) expressa sua crítica ao modelo de educação física conservadora, a qual se torna produto de uma sociedade capitalista e de consumo, “reconduzindo o discurso sobre o mercado publicitário e o investimento do poder sobre o corpo (p.54)”. Ainda nesse diálogo, Soares (2008) nos diz que:

os pacotes de prazer que se vendem em diferentes espaços de cuidados com o corpo e a conquista de uma suposta saúde, beleza e juventude insistem sempre em jogar o jogo do bem estar, propondo sempre conselhos adaptados a “sua” necessidade, numa conversa íntima com você (p.75)

Nessa lógica se articulam os discursos pela busca da saúde, da beleza e juventude, as quais tendem difundir a ideia das questões sobre o cuidado com o corpo e os pacotes de embelezamento, vendendo a proposta de que através dos exercícios físicos, obteremos uma

suposta saúde, atingindo os padrões propostos pelas mídias. Reiteramos a passagem anterior apresentando as palavras de Carvalho (2010) ao dizer que:

a prática de exercícios físicos, tal como foi conduzida através dos tempos se encaixa como um bem de consumo e que, por isto mesmo, estaria sujeita a um valor de consumo assim como qualquer outro objeto exposto no mercado da indústria cultural. Desta forma, a atividade física se transformou em um bem de consumo e como tal assume um valor de mercado (CARVALHO 2010 p. 235).

A partir das leituras de Carmen Soares (2008), voltamos nossos olhares aos rumos que o fazer da EF tem seguido a partir da “atenção exacerbada ao corpo e a aparência, fatores que segundo a autora, mobilizaram tantas referências, tantas políticas, incluindo as do esporte e lazer” (p.75). Mendes (*apud* CARVALHO, 2010) chama a atenção, para esta injunção ao observar que a Educação Física vem alicerçando suas intervenções, segundo “[...] uma postura normativa guiada por modelos determinísticos, que expõem guias de conduta que desejam obediência aos preceitos médicos” (p. 186). Denunciando, de certa forma, “a indústria da beleza, o universo da padronização do corpo pelo efeito do exercício” Carvalho (*apud* JUNIOR, 1996).

A partir das leituras de Palma (2001) especificamente no texto “*Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”*”, o autor evidencia através de um repasso como e quando o corpo passou a ser um produto do mercado, a partir do fordismo fato que estrategicamente passou a ser utilizado. O marketing configura-se como ferramenta para alcançar o objetivo de transformar o corpo em mercadoria de consumo, desta maneira o corpo passou a ser um “*outdoor*”, visto exposto, cobiçado, desejado e sonhado. No entanto, no texto nota-se que não a um único vilão, que não é resultado somente do sistema capitalista, mas de uma questão social, abrangendo todos os âmbitos que compõe a sociedade, ou seja, aspectos culturais, políticos e econômicos.

Quanto ao corpo e saúde, fica evidente o conflito e as múltiplas possibilidades de perceber e conceituar o que venha ser a saúde de modo individual e coletivo. Conforme indicam os PCNs, por exemplo, “as possibilidades de vivência de situações de socialização e

desfrute de atividades lúdicas, sem caráter utilitário, são essenciais para a saúde e contribuem para o bem-estar coletivo” (BRASIL, 1997, p.29).

Dessa forma evidenciamos a importância que o corpo tem para essa discussão, pois é através dele e por ele que as noções de saúde e qualidade de vida serão sentidas e expressas pelos discentes. Esta afirmação deriva do que expõe Goellner (2008),

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... Enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER 2008, p. 28).

A saúde, em sentido amplo passa a ser uma ferramenta para legitimar e fortalecer os mercados do corpo. O que evidencia esse fato é o apresentado para interligar técnicas que preocupadas com a estética corporal, exercícios físicos, treinos específicos, inúmeras ginásticas e aparelhos passam a ser instrumentos e meios utilizados pela educação física, que juntamente com as intervenções cirúrgicas (estéticas) são as estratégias utilizada para manter e alimentar o mercado do consumo de um corpo mercadoria. Todas estas estratégias correspondem a modos de produção dos corpos, de subjetivação dos mesmos e dos processos de saúde e qualidade de vida dos escolares. Somado a esta ideia recorreremos a Goellner (2010) quando explica que,

educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente, com recomendações, como, por exemplo, sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, os gestos, a movimentação, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida. Educa-se o corpo também no esporte, no lazer e nos projetos sociais (GOELLNER 2010 p.74).

Em Palma (2001) fica exposto que saúde é um problema social, cultural e que estão ligados diretamente à sociedade e o meio em que vivemos e percebemos o nosso meio. O autor relata que quanto mais baixo o nível social, mais distorcida e equivocada pode ser a percepção que o indivíduo possui com relação à própria saúde. Ressalta ainda, que parte da área ligada a Educação Física, e ao meio, ainda está enraizado e é permeado pelo viés biológico e que por vezes desprezam ou negam, outros saberes e conhecimentos tecidos e apresentados por outras áreas.

Palma, ainda, aponta que é necessário “olhar o todo para conseguir enxergar o individual”. Desta forma, podemos dizer que o meio é que forma e determina a sociedade em que vivemos, sendo assim, o conjunto, a forma e a sociedade que vivemos são fatores determinantes para determinar a saúde do coletivo. Assim, a Educação Física associada a saúde, deverá estar atenta aos aspectos sociopolíticos e culturais e considerar todos os saberes que a circundam, para assim justificar a sua existência e relevância na sociedade atual. Nesse sentido, nos aproximamos do eixo central da crítica ao paradigma da aptidão física e esportiva exposto por Bracht (1999), ao afirmar que “dado pela análise da função social da educação, e da EF em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe” (p.80).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Consideramos as críticas estabelecidas aqui nesta escrita frente às discussões sobre as práticas de atividades físicas como promotoras da saúde. As quais recaem, sobretudo, na perspectiva das práticas corporais que priorizam o desenvolvimento da aptidão física relacionada ao esporte, ressaltamos que não nos apropriamos das palavras dos autores para aderir ou criticar, qualquer tipo de atividade, mas sim, para promover possíveis debates e questionamentos, acerca dos discursos que se instauram no âmbito das instituições encarregadas pela promoção da saúde e cuidado estético com o corpo.

Aproveitamos as discussões expostas e apresentamos a escola como um espaço onde se podem perpetuar modelos corporais, através das aulas de Educação Física, enquanto promotora de padrões normativos em saúde e beleza. O tema saúde, na escola, ficará a cargo, na maioria das vezes, pois nem sempre é discutido, da disciplina de ciências que talvez abordará como forma de manter uma saúde mental a prática de exercícios físicos, ou ainda, focado no âmbito da sexualidade e doença. Nessa lógica, as aulas de educação físicas mantem-se desconectadas das outras disciplinas. Outro ponto importante para pensarmos seria o curto tempo semanal que se tem nas escolas para esta área do conhecimento, quando falamos em saúde e educação seriam práticas cotidianas para um resultado significativo na saúde dos escolares. O que não se concretiza na maioria das escolas públicas devido às políticas internas de distribuição das cargas horárias nos currículos.

Firmamos nosso pensamento em torno desse excerto, por visualizarmos que a EF está cada vez mais pautada na produção das diferenças e o produto tem repousado no imperativo da negatividade, no qual o outro, por vezes é aquele que deve ser assujeitado dos espaços da EF, seja por estar inapto para prática desportiva ou por não representar um biotipo corporal que desejado pelos padrões entendidos como saudáveis ao nosso tempo.

Muitos professores ainda permanecem com a ideia “do especialista” para dar conta dos assuntos da Educação Física vinculada com o discurso de uma aula de qualidade, quando na verdade poderiam agregar planejamentos com práticas para além da sala de aula com um propósito de expressão e movimento corporal, inter-relacionados a saúde, pois como afirma Palma (2001),

tratar da saúde é, em última instância, compreender as tramas sociais que se desenrolam nos projetos e políticas públicas. Parece ingênuo aceitar o determinante biológico, como razão única, para conferir as análises sobre o processo saúde-doença. O adoecer humano não deve ser investigado ou tratado somente sob a forma de uma relação biológica de causa e efeito, tão simples, que desconsidere outros aspectos relevantes, tais como os contextos socioeconômicos e históricos (PALMA 2001, p.24).

Fraga (2005) ressalta que, pouco antes da metade do século XX, com o declínio da ginástica, o esporte na escola começa a ser percebido não só como conteúdo fundamental,



mas também “como elemento condicionante da estrutura organizacional mais ampla da educação física escolar, presente até mesmo na concepção predominantemente poliesportiva dos espaços físicos (quadras de aula)” (p.01).

A partir do exposto, entendemos que a estética, o visual hoje cobiçado e desejado por vezes, chega a ser algo insano, visto que, muitos indivíduos se colocam em risco de morte, em prol de um corpo perfeito, idealizado, romantizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flávio Soares. CARVALHO, Yara Maria de. Práticas corporais e grande saúde: um encontro possível. **Revista Movimento** - Porto Alegre, volume 16, número 04, páginas 229/244, outubro/dezembro de 2010. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/13280/10853>> Acessado em: 19/05/2014.

BRACHT, Valter e RODRIGUES, Leonardo Lima. As culturas da educação física. **RBCE** – Revista Brasileira de Ciências do Esporte. p. 93 – 107, setembro, 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v32n1/v32n1a07.pdf>>. Acessado em: 19/05/2014.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos CEDES**, ano XIX, número 48, agosto 1999. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v19n48a05.pdf>>. Acessado em: 18/05/2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC, 1997. v.7.

FRAGA, Alex Branco. Educação física nos primeiros anos do ensino fundamental. **Revista Digital EFdeportes** - Buenos Aires - Año 10 - número 90 - Noviembre de 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acessado em: 15/05/2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE** – Revista Brasileira de Ciências do Esporte, páginas 71 – 83, março 2010. Disponível em:

<<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/cadernos/article/download/984/556>>

Acessado em: 20/05/2014.

JÚNIOR. Wilson do Carmo. Educação Física é Saúde Antropológica: “O Mito da Atividade Física a Saúde”, de Yara Maria da Carvalho. Resenha, - **Revista MOTRIZ** – V. 2, Número 1,





ARTIGO

Junho/1996. Disponível: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_RES10.pdf> Acessado em: 19/05/2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o cuidado de si. v.3. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

PALMA, Alexandre. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **RBCE** – Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/410/384http%3A>> Acessado em: 17/05/2014.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

QUADRADO, Raquel. Corpos híbridos: problematizando as representações de corpos no currículo escolar. In: RIBEIRO, Paula (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno Pedagógico Anos Iniciais. Rio Grande: FURG, 2007, p.33-40.

SOARES, Carmem Lúcia. A educação do corpo e o trabalho das aparências: O predomínio do olhar. In: **Cartografias de Foucault**/ Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Alfredo Veiga-Neto, Alípio de Souza Filho, (organizadores). – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008. – (Coleção Estudos Foucaultianos).

VIGARELLO, Georges. Mieux entre ou nepas entre, *Nouvel Observateur*, les collections, n.21, p. 70–71 1995.

